

LEMBRANÇAS DE ANA

Elizabeth Ribeiro Azevedo¹

Ao longo de minha vida acadêmica encontrei Ana Maria Camargo em diversas situações: como professora, como colega e como amiga. Em todos esses momentos, sempre deu provas de dedicação, competência e, acima de tudo, generosidade. Retraçar essa trajetória é um prazer e uma honra para mim, por ter podido compartilhar de sua companhia, sobretudo nestes últimos anos de sua vida.

Como professora de Metodologia, desde 1968, disciplina do primeiro ano dos quatro que compõem o curso de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, ela dividia a tarefa docente com sua colega Sylvia Bassetto. Nesse momento, no fim da década de 1970, o contato foi mais rarefeito, uma vez que, divididas as turmas entre as duas professoras, encontrei-me naquela comandada por Sylvia, o que

¹ Elizabeth Ribeiro Azevedo é historiadora, formada pela FFLCH-USP. É professora livre-docente sênior do Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, onde foi professora de História do Teatro Brasileiro. Desde 2003 faz parte da coordenação do Centro de Documentação Teatral do CAC/ECA.



não impedia, no entanto, que a figura de Ana Maria já fosse para nós alunos também uma referência importante.

Durante alguns anos depois de formada, me afastei da universidade para exercer minhas atividades de historiadora e pesquisadora. Nessa condição, passei a interessar-me especialmente pela questão dos arquivos, acervos e documentação.

Nessa época, anos 80, início dos 90, havia um excelente curso sobre arquivos oferecido no Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Ele havia sido criado a partir de disciplinas ministradas por Heloísa Bellotto no departamento de biblioteconomia da ECA que foram ampliadas e reorganizadas de forma a embasar uma formação mais completa de arquivologia. Assim, de meados da década de 1980 a 2008, o IEB, que acabou assumindo sozinho a manutenção do curso a partir de 1990, contou com a participação de Ana Maria entre seus professores. Infelizmente, por alguma razão que o tempo apagou, não me inscrevi. No entanto, conheci colegas que o fizeram e que tinham os mais elogiosos comentários sobre essa experiência. No entanto, meu interesse pelos arquivos me aproximou das atividades da Associação de Arquivistas de São Paulo, que promovia oficinas interessantíssimas e fundamentais, que se tornaram a base de minha formação nessa área.

A partir do ano 2000, passei a frequentar as oficinas da ARQ-SP que eram ministradas nas dependências do Arquivo do Estado de São Paulo. O formato é o mesmo até hoje: dois dias de intenso trabalho, por vezes mais teóricos, por vezes mais práticos, mas sempre de muita qualidade, objetividade e seriedade. A cada oficina tratava-se de um assunto bastante específico, o que proporcionava um aprofundamento razoável para um curto tempo de trabalho.

A participação nesses encontros se iniciou no período que antecedeu de pouco minha entrada na USP como docente. Inscrevi-me em vários deles: *Projetos de informatização de arquivos*, *Avaliação de documentos de arquivos*, *Como implementar centros de documentação*, *Como acondicionar e armazenar documentos de arquivo*, *Conservação preventiva em arquivos*. Na verdade, tratava-se de uma parceria mais antiga entre o APESP e o hoje extinto Núcleo Regional de São Paulo da Associação dos Arquivistas Brasileiros (AAB-SP): *Em 1996, a AAB-SP iniciou sua parceria com o Arquivo*



Público do Estado de São Paulo, hoje estendida a diversas instituições públicas e privadas que disponibilizam suas instalações físicas para o desenvolvimento das oficinas “Como Fazer”, cujo propósito é o aperfeiçoamento técnico de profissionais que atuam em arquivos ou instituições afins e que possuam, no mínimo, nível médio completo. De 1998 a 2003, o Arquivo Público do Estado e a Imprensa Oficial publicaram dez manuais técnicos da Coleção Como Fazer².

Nessa época a direção da Associação paulista cabia à Ana Maria. Ao longo dos anos continuei frequentando outras oficinas, pois sempre ofereciam complementação ou atualização de assuntos relevantes para o trabalho com acervos. A direção da ARQ-SP passou para Ana Célia Navarro e foram palestrantes Heloísa Bellotto, Johanna Smit, José Francisco G. Campos, sem falar da própria Ana Célia entre outros. Eles foram essenciais para minha formação nessa área.

Contudo, de todos os assuntos abordados nesses encontros o que mais me aproximou de Ana Maria foi a questão dos arquivos pessoais. Sobre eles, ela ofereceu uma oficina em 2010 e organizou, com a Associação, um evento maior em 2015, *Arquivos pessoais: experiências, reflexões, perspectivas*, no auditório da Biblioteca da Brasileira Mindlin, do qual já participei apresentando uma comunicação a respeito do Centro de Documentação Teatral da ECA, do qual me tornara responsável, em função de minha graduação em História, desde meu ingresso como docente do Departamento de Artes Cênicas da ECA, em 2003, como professora de História do Teatro Brasileiro.

Minha atividade como coordenadora do centro de documentação levou-me a aprofundar os estudos sobre a questão dos arquivos de pessoas, uma vez que nosso acervo é basicamente formado por doações de artistas e intelectuais ligados ao teatro. Nesse movimento, a obra de Ana Maria foi, e é ainda, incontornável. Não há aluno ou pesquisador do centro de documentação que não tenha entre sua leitura básica de formação o texto *Arquivos pessoais são arquivos*. Essa é nossa primeira referência para a questão.

² Disponível em: <https://arqsp.org.br/biblioteca-digital-da-arq-sp/>



A segunda, mas não menos importante, é o livro *Tempo e circunstância*, no qual, em coautoria com a historiadora Silvana Goulart, Ana Maria estabeleceu uma metodologia calcada essencialmente na contextualização documental e apresentou soluções para descrição e identificação da documentação a ser tratada. O livro foi publicado em 2007 e tornou-se nosso guia no manejo de nosso acervo e fundamentou a estrutura de sua organização.

Por essa época, o Centro passava por um momento de criação de um novo sistema de base de dados e de implementação de melhoria de acondicionamento, em vista de um novo espaço físico conseguido na ECA. Foi um período essencial em nossa história. Com muitas dúvidas e inquietações, decidi conversar pessoalmente com Ana Maria. Enviei-lhe um simples e-mail e ela concordou em me receber. Marcamos na sede da ARQ-SP. Conteí sobre nosso trabalho e a convidei para nos visitar. Ela aceitou sem hesitar. Apresentei-lhe nosso acervo, nosso (pobre) espaço, nossos dilemas. Ela ouviu com paciência e sincero interesse. O que mais me recordo desse momento é que ela insistiu em dizer: *lembre-se que você não tem, exatamente, um arquivo, fundos, séries*. A afirmação só reforçava a ideia de que o tratamento a ser dado aos nossos documentos deveria seguir uma outra forma, ainda que não se afastasse dos princípios essenciais da arquivística. Daquele momento em diante, na falta de melhor opção, passamos a usar o termo “conjunto documental”, ao invés de fundo X ou Y. Essa situação permaneceu até recentemente quando Ana Maria apresentou suas reflexões sobre a questão da distinção entre acervos, fundos e coleções, que, a seu ver, são empregados com pouco rigor, indiscriminadamente. Mais uma vez, nós seguimos sua orientação e passamos a nomear nossos conjuntos como “acervos”.

As discussões sobre a criação da base de dados ganharam corpo e fôlego a partir de um financiamento provido pela USP. A equipe cresceu e incorporou duas novas figuras, a pianista e arquivista Judie Abraham e a especialista em sistemas de informática e professora de modelagem da EACH, Isabel Italiano. Ao longo de alguns meses encontrávamos semanalmente para discutir a metodologia e sua aplicação ao nosso acervo e à formatação do sistema. O trabalho era intenso e produtivo, mas acima de tudo um claro prazer para todas as envolvidas. Tanto assim que nosso relacionamento a quatro



extrapolou o espaço da universidade. Nos tornamos um grupo de amigas, passamos a sair para conversar e jantar. Em várias ocasiões Ana ofereceu sua casa para os encontros e nos apresentou seu companheiro inseparável, Mosquito, um grande cachorro preto que seguia tudo de perto. Descobrimos surpresas, eu e Ana, que tínhamos estudado no mesmo antigo colégio Jardim Escola São Paulo, localizado na Avenida Paulista, em frente ao Colégio São Luís e ao lado do ateliê de alta costura de Mme. Rosita, nos idos dos anos 1960. Recordávamo-nos dos mesmos professores, das salas de aula, do recreio, do jardim.

Seu apartamento, porém, era mais que uma simples moradia, era repositório de obras raras, casa de uma biblioteca única, segundo sei, continuação daquela que herdara de seu pai e avô. Tudo nela era especial. Claramente, via-se Ana Maria refletida nas escolhas feitas nos mínimos detalhes, nas peças expostas, como uma original coleção de luminárias de vidro branco apresentada em uma alta estante vertical. Mostrava a percepção de quem tinha um olhar estético sobre a beleza e o design de objetos simples do cotidiano. Como esse, espalhavam-se pela casa muitos outros pequenos conjuntos. Ou grandes. Sua paixão declarada era a coleção de documentos pessoais, documentos da vida cotidiana, publicações como manuais, *santinhos*. material escolar, almanaques de farmácia. Não havia quem não se conectasse com várias dessas peças de forma afetiva; lembranças guardadas na memória que vinham à tona diante de um exemplar conservado por ela. Mais de uma vez, Ana Maria manifestou preocupação com o destino de tão valioso conjunto, que usava como material didático em seus cursos.

Sabe-se também que sua coleção de almanaques é a mais importante do país. Eu mesma tive ocasião de consultá-la em várias tardes para uma pesquisa sobre a existência de antigos teatros na cidade de São Paulo. O conjunto ocupava todo um aposento do apartamento. No centro dele, uma grande mesa pesada e antiga, provavelmente de jacarandá. Ana deixava tudo à minha disposição. Podia viajar pelos volumes como quisesse. E era difícil me concentrar no assunto escolhido, tantas eram as demais obras interessantes que estavam por ali. Tudo isso sem contar a doce acolhida feita com café, bolachinhas ou bolo, e uma boa conversa na chegada e na partida.



A importância de Ana Maria como especialista na história da imprensa brasileira não fica a dever à sua dimensão como arquivista. A partir de sua maravilhosa coleção e de seu profundo conhecimento na área, coordenou a edição facsimilar de algumas raridades na coleção *Ad Litteram* pela Edusp. As que mais me tocaram foram o *Diabo Coxo (1864-1865)*, de Angelo Agostini, em 2005, e, especialmente, a *Revista Dramática*, publicada originalmente em 1860, saída em 2007. Desta última, eu tinha um péssimo exemplar, feito de cópias xerox emendadas, tiradas a partir do microfilme da revista que existe na Biblioteca Mário de Andrade. Guardei comigo esse Frankenstein tamanho A3 por anos. Eu o tinha estudado para minha dissertação de mestrado. Qual não foi minha surpresa e prazer ao ver a nova edição. Tive inclusive a chance de fazer a resenha da obra para a Revista Sala Preta, publicação do nosso programa de pós-graduação.

O trabalho no centro de documentação continua, até hoje, a ser feito a partir da metodologia e práticas apontadas por Ana Maria. Ela nos conhecia bem, nos ajudou bastante. Participamos do inventário que, junto com Johanna Smit, Ana Maria organizou pelo Arquivo Geral da USP (em cuja criação, aliás, ela esteve envolvida), para mapear os arquivos de professores existentes nos vários *campi* da universidade. Chamou-se Projeto *Docere*. O CDT foi descrito pela equipe que passou alguns dias conosco sob sua supervisão.

E eu segui fazendo oficinas, agora na Fundação Fernando Henrique Cardoso. Algumas com ela como palestrante. Sua publicação sobre tipologia da “correspondência” (na revista *Officina*, da ARQ-SP) é essencial para nós. Da mesma forma que o glossário disponibilizado no site do arquivo da fundação.

Além disso, começamos a participar de eventos juntas. Eu a convidei para uma conferência de abertura no nosso Primeiro Seminário de Acervos Teatrais. Ela me chamava para falar de teatro ou acervos teatrais. Em um deles, sobre arquivos pessoais, expôs seu grande projeto de organizar glossários de diversas áreas que ainda não tinham sido exploradas. Diante desse desafio, juntei-me à atriz e arquivista Fabiana Fontana para elaborar um trabalho na nossa área. Fabiana é professora de teoria teatral na Universidade Federal de Santa Maria, mas durante muito tempo trabalhou com o acervo teatral da Funarte, uma vez que, além de artes cênicas, também se formou em



arquivologia no Rio de Janeiro. Ana Maria estava acompanhando nossa evolução. Fazíamos reuniões com ela quando Fabiana vinha a São Paulo. O trabalho ainda não está finalizado, mas não o abandonaremos. Devemos isso à nossa orientadora.

A última vez que encontrei Ana foi em seu apartamento. Comemoramos o aniversário de Judie. Conversamos sobre como a morte de sua amiga de décadas, Heloísa Bellotto, a entristecera, mas também fizemos planos para o futuro. Combinamos nos rever em breve, combinamos conversar sobre o glossário. Não foi possível. A vida não quis. Mesmo assim, apesar da tristeza, vale pensar que a morte a encontrou no trabalho, ativa, relevante, generosa... como sempre. Acho que ela preferiria assim.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International.

